

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Laura Melo de Carvalho**

**As hipóteses por trás da preferência das mulheres por investimentos em produtos de  
renda fixa**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**São Paulo**

**2025**



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**Laura Melo de Carvalho**

**As hipóteses por trás da preferência das mulheres por investimentos em produtos de  
renda fixa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de BACHAREL em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Dr. Leonardo Moretti Sakamoto.

**São Paulo**

**2025**

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -  
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

C331h Carvalho, Laura Melo de  
As hipóteses por trás da preferência das mulheres por investimentos em produtos de renda fixa. / Laura Melo de Carvalho. -- São Paulo: [s.n.], 2025.  
27p. ; 21 x 29,7 cm.

Orientador: Leonardo Moretti Sakamoto.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Graduação em Jornalismo, 2025.

1. Renda Fixa. 2. Renda Variável . 3. Educação Financeira . 4. Questão de Gênero. I. Sakamoto, Leonardo Moretti . II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Trabalho de Conclusão de Curso para Graduação em Jornalismo. III. Título.

CDD 070

**Laura Melo de Carvalho**

**As hipóteses por trás da preferência das mulheres por investimentos em produtos de  
renda fixa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de BACHAREL em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Dr. Leonardo Moretti Sakamoto.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1.1</b>	<b>Objetivo .....</b>	<b>7</b>
<b>1.2</b>	<b>Hipótese .....</b>	<b>8</b>
<b>1.3</b>	<b>Contextualizando investimentos de renda fixa .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>A QUESTÃO DE GÊNERO NO CONTEXTO ECONÔMICO.....</b>	<b>15</b>
<b>3.1</b>	<b>A influência da figura masculina nas decisões financeiras femininas .....</b>	<b>17</b>
<b>3.2</b>	<b>Como o gênero muda a perspectiva das finanças .....</b>	<b>18</b>
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>21</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>24</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Recentemente, o comportamento das mulheres no universo dos investimentos vem sendo objeto de análise em estudos. Diversos dados apontam para uma inclinação significativa de investidoras optando por investimentos em renda fixa, em comparação à renda variável, algo que levanta questionamentos acerca dos fatores que sustentam essa aparente preferência.

Para melhor contextualização dois principais tipos de investimentos a serem citados no presente trabalho – quais sejam, renda fixa e renda variável – tem-se que, consoante o portal da XP Investimentos (2025a), o primeiro se caracteriza por uma modalidade de investimento para quem procura segurança e bons retornos. Esse investimento é realizado diretamente em títulos públicos e privados, ou seja, quando o investidor compra um título, está emprestando dinheiro ao emissor do papel, que pode ser um banco, uma empresa ou até mesmo o governo. Em troca, após um determinado prazo, recebe uma remuneração com juros e/ou correção monetária; já o segundo tipo, a renda variável, é, por sua vez, é um investimento sobre o qual você não consegue ter previsibilidade em relação ao quanto o dinheiro aplicado vai render (XP Investimentos, 2025b).

O interesse por pesquisar tal temática surgiu após a participação da presente pesquisadora em uma palestra ministrada por Clara Sodré, Analista de Fundos da XP Inc., e por Mayara Rodrigues, *Research* em renda fixa na mesma instituição. Nessa palestra, as profissionais debateram sobre as tendências nos investimentos femininos, fornecendo os subsídios iniciais para a formulação da hipótese central desta pesquisa.

Para tal, esta monografia emprega como metodologia a pesquisa de caráter qualitativo, com levantamento bibliográfico e documental. As fontes utilizadas nas análises abrangem estudos nacionais e internacionais voltados ao comportamento financeiro de mulheres, com ênfase na escolha por produtos de investimento. Ademais, como complemento ao estudo, também foram realizadas 5 (cinco) entrevistas com mulheres especialistas no tema, as quais foram indicadas por profissionais do setor financeiro. Essas entrevistas, que se deram tanto de forma presencial quanto remota, buscaram levantar percepções e experiências relacionadas às decisões de investimento e, neste sentido, as possíveis hipóteses por trás disso.

Assim, com base nesses procedimentos, este trabalho foi desenvolvido a partir da análise de informações obtidas por meio de diferentes abordagens, visando compreender os elementos envolvidos no comportamento de investimento feminino, particularmente no que se refere à preferência pela renda fixa.

## 1.1 Objetivo

O objetivo da pesquisa é explorar e evidenciar os impactos do meio social nas decisões financeiras de mulheres investidoras. Historicamente, a responsabilidade financeira é aspecto que tem sido atribuído aos homens – um reflexo das normas sociais que consideram a figura masculina como o principal gestor dos recursos familiares. No entanto, com a mudança gradual do papel da mulher na sociedade ao longo das décadas, especialmente devido aos avanços na educação, no mercado de trabalho e no acesso à informação, as mulheres têm conquistado cada vez mais espaço no setor financeiro e também na administração de seu próprio capital.

Especificamente, nota-se que há uma preferência das mulheres de optarem por investir em renda fixa. Esse tipo de investimento, conhecido por sua menor volatilidade e maior previsibilidade, é visto como um "primeiro passo" seguro para aqueles que buscam iniciar no mundo dos investimentos sem ter que se expor a grandes riscos. Esse perfil conservador tem sido uma característica notável entre as investidoras, especialmente devido a um contexto social em que ainda predominam dúvidas e receios quanto ao próprio conhecimento financeiro.

Neste sentido, a escolha pela renda fixa também é uma resposta às inseguranças impostas pela cultura machista, que historicamente desencorajou as mulheres a buscarem sua independência financeira, bem como impediu o acesso igualitário a uma educação financeira. Em uma sociedade em que a desigualdade de gênero ainda é elemento marcante, muitas mulheres foram educadas sob a ideia de que o tema finanças é complexo demais ou que decisões de investimento cabem apenas aos homens da família. No entanto, à medida que as mulheres assumem um maior controle de suas vidas financeiras, esse cenário vai se transformando e, então, a renda fixa emerge como um caminho viável e relativamente seguro para que elas possam iniciar sua jornada de investimento e construir sua independência financeira.

Este estudo busca, portanto, não apenas apontar as hipóteses de barreiras que limitam o crescimento das mulheres como investidoras, mas também analisar a subvalorização do conhecimento financeiro feminino. Além disso, procura compreender o perfil das investidoras, principalmente das brasileiras, ao explorar como e por que elas optam por investimentos conservadores e o impacto dessa escolha na construção de uma autonomia financeira.

## 1.2 Hipótese

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se desdobra a partir da seguinte hipótese de pesquisa: fatores históricos, sociais e culturais influenciam na predominância da escolha de investimentos de renda fixa, em detrimento da renda variável, pelas mulheres. Logo, a partir desta hipótese, serão levantadas possíveis condições que acabam por moldar o comportamento financeiro feminino.

A partir desse ponto, serão exploradas algumas temáticas mais específicas, como por exemplo, o machismo estrutural – entendido socialmente como uma estrutura de opressão às mulheres e explicado por Silva (2018, p. 42) como “um conjunto de práticas e valores arraigados na sociedade que naturalizam a superioridade masculina e perpetuam desigualdades de gênero, mesmo sem ações intencionais dos indivíduos”–, a desigualdade de gênero, a educação financeira deficitária e a influência de uma figura masculina nas decisões econômicas das mulheres.

A escolha da renda fixa como preferência de investimento do público feminino pode ser entendida como um reflexo de uma série de condições sociais que associam o comportamento feminino à cautela – e mais do que isso, como as próprias mulheres se colocam o fardo de ter que se preocupar a longo prazo com tudo. Essa percepção, no entanto, não é algo natural das mulheres, mas sim consequência de um contexto social historicamente mais benéfico aos homens.

A hipótese que norteia esse trabalho propõe uma análise para além dos dados quantitativos, já que também se busca investigar os motivos subjetivos e estruturais que sustentam essa preferência pelos investimentos de renda fixa. O objetivo é entender se essa inclinação por investimentos considerados menos voláteis decorrem de uma liberdade de escolha das mulheres ou se é consequência de inseguranças e padrões lhes impostos ao longo da vida.

No decorrer do estudo, será analisado de que maneira fatores como a falta de estímulo à independência e à educação financeira das mulheres, bem como a pequena representatividade no setor financeiro mundial e o receio de errar, influenciam em um perfil conservador de investidor e sem aptidão a risco.

### 1.3 Contextualizando investimentos de renda fixa

A renda fixa, apesar de ser considerado um investimento seguro e caracterizado por sua previsibilidade em relação ao retorno financeiro, também possui riscos de rentabilidade. Em entrevista à presente pesquisadora, Rachel de Sá (2025), Estrategista de Investimentos da XP Inc., reforça:

a Renda Fixa muitas vezes é atrelada à menor volatilidade e ao maior conservadorismo, mas é importante ressaltar dois pontos importantes aí. Um, nem sempre isso não é necessariamente verdade, porque a Renda Fixa pode ser bastante volátil e dois, reflete muito esse menor apetite ao risco que as mulheres têm.

De acordo com a B3 (2025a), nos investimentos de renda fixa, o investidor empresta seu dinheiro a uma instituição – seja esta uma empresa ou o próprio governo – e em contrapartida recebe, geralmente na forma de juros, um retorno monetário. Assim, a principal atração desse modelo de investimento seria a sua segurança e a previsibilidade dos rendimentos, os quais já são conhecidos no momento da aplicação, o que proporciona um maior controle sobre os resultados. Trata-se de investimento muito atrativo para investidores cujo perfil é conservador, ou seja, que não está confortável em assumir riscos.

A renda fixa se desdobra em diversos produtos financeiros, dentre eles: o CDB (Certificado de Depósito Bancário), o Tesouro Direto, as Debêntures, a LCI (Letra de Crédito Imobiliário) e a LCA (Letra de Crédito do Agronegócio), além de outros. Esses produtos, no entanto, apresentam características distintas em relação à sua rentabilidade, a qual pode ser definida de três maneiras principais, quais sejam: prefixada, pós-fixada e indexada. Cada uma dessas formas de rentabilidade oferece vantagens e desvantagens, sendo mais – ou menos – adequada a determinados perfis de investidores e em cenários econômicos específicos (B3, 2025a).

O tipo de rentabilidade prefixada é um dos mais conhecidos e tradicionais no universo da renda fixa. Como explica Isabela Ortiz (2024), em investimentos prefixados, a taxa de retorno é definida já no momento da aplicação, o que significa que o investidor sabe exatamente o quanto receberá ao final do período acordado. Tal característica torna os investimentos prefixados especialmente atrativos a investidores que buscam previsibilidade e segurança, uma vez que a rentabilidade não depende das flutuações de índices econômicos ou da performance de mercado. Produtos como o CDB prefixado, o Tesouro prefixado do Tesouro Direto, as Debêntures prefixadas

e as LCIs/LCAs prefixadas são alguns exemplos típicos de investimentos cuja rentabilidade é prefixada.

Esses produtos supramencionados são particularmente populares entre as investidoras mulheres, que tradicionalmente demonstram uma maior aversão ao risco em comparação com os homens. Isso porque a previsibilidade de retorno proporcionada pelos investimentos prefixados oferece uma maior tranquilidade, algo que é visto como ponto positivo na hora da tomada de decisão nos investimentos.

Segundo estudo do Bora Investir (B3, 2025b), a preferência do público feminino dentre os produtos de renda fixa encontra-se no Tesouro Direto, título público que não exige valor mínimo para aplicação. Ao final de fevereiro de 2025, o volume total investido no Tesouro Direto alcançava R\$ 151,3 bilhões, sendo R\$ 47,3 bilhões correspondentes a aplicações feitas por mulheres (31,2%), cujo saldo médio é de, aproximadamente, R\$ 45 mil. Se comparado à renda variável – mais volátil e mais propensa a risco –, segundo análise na base de dados de clientes mulheres da Monte Bravo, corretora de investimentos, 63% das carteiras eram de renda fixa, ao passo que apenas 38% das mulheres possuíam investimentos em produtos de renda variável (Maia, 2025).

De acordo com a base de dados de clientes analisada por Rachel de Sá (2020) em sua pesquisa de mestrado, a autora salienta, ao analisar a volatilidade da carteira, que o gênero se revela a variável mais relevante do que todas as demais. Em suas palavras:

Considerando a performance da carteira em doze meses, a volatilidade será 5,01 pontos percentuais mais baixa, em média, se ele for mulher, mantendo-se constante o valor para as demais variáveis independentes. Já considerando a performance da carteira observada no semestre, a volatilidade será 1,21 p.p. mais baixa (Sá, 2020, p. 32).

Em decorrência de sua previsibilidade e de menor exposição a riscos, os investimentos em renda fixa se consolidaram como uma escolha comum entre as mulheres, especialmente em relação àquelas que enfrentam desafios estruturais, como desigualdade salarial, sobrecarga de responsabilidades familiares e insegurança econômica.

Essa tendência reflete não apenas uma questão de perfil financeiro conservador, mas também um contexto social mais amplo, o qual influencia o comportamento das mulheres no mercado financeiro. Nesse cenário, é importante considerar o quanto fatores externos – tais como a pressão social, a falta de incentivo e, principalmente, a influência da figura masculina – moldam as decisões femininas sobre onde, como e por que investir.

## 2 O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA

No tocante à educação financeira, Silva e Zdanowicz (2022, p. 5) pontuam que esta

é um processo e não um produto. Isso implica na ideia de que ela não é algo que se adquire em um momento específico da vida do sujeito, pois trata-se de um contínuo em sua formação, portanto não está acabada. Pelo contrário, sendo um processo, ela deve estar em constante evolução, adaptação e aprimoramento, levando sempre em conta a dinâmica da realidade econômico-financeira do cidadão e da sociedade ao longo do tempo. Em face disso, entendemos a Educação Financeira como um contínuo na vida de todos os indivíduos. Ela diz respeito a estratégias e metodologias de abordagem de problemas financeiros que visam a melhorar o bem-estar dos cidadãos e, nesse bem-estar, se inclui a consciência dos problemas financeiros que eles possam vir a enfrentar individualmente ou coletivamente no âmbito familiar ou em outros contextos.

Já na perspectiva de Lusardi e Mitchell (2014, p. 6), a definição de alfabetização financeira, em sua tradução literal, é “a capacidade das pessoas de processar informações econômicas e tomar decisões informadas sobre planejamento financeiro, acumulação de riqueza, endividamento e aposentadoria”. A importância da alfabetização financeira está não somente na instrução em como gerir e investir o dinheiro, mas na construção de uma sociedade mais próspera, especialmente em um país como o Brasil, em que 63% de sua riqueza está concentrada na mão de 1% da população, segundo dados do relatório divulgado pela OXFAM (Garcia, 2014), uma organização global que trabalha para acabar com a pobreza e a desigualdade no mundo.

Em âmbito nacional, Araújo e Calif (2014, p. 1), em seu artigo cujo título é “A história não contada da educação financeira no Brasil”, destacam:

Olhando de forma retrospectiva, a história da educação financeira no Brasil parece ter trilhado o caminho oposto do que se poderia esperar, começou como sinônimo de dicas de investimento voltado para aqueles já prósperos para apenas recentemente se tornar um recurso efetivo de conquista da prosperidade.

Na época dos anos 90, segundo estes autores, o cenário para um planejamento financeiro era outro:

Altos índices de inflação, associados à baixa bancarização, crédito escasso e pouco acesso à informação desenhavam um cenário em que o brasileiro médio não conseguia planejar sua vida financeira, nem a curto ou a longo prazo. Na verdade, mal via a cor de seu dinheiro, que circulava rapidamente na troca por produtos necessários para o dia a dia das famílias a fim de evitar a inevitável perda do seu poder de compra. Qualquer planejamento era praticamente impossível (Araújo; Calif, 2014, p. 1).

No Brasil, foi posteriormente à estabilização econômica e ao Plano Real – conjunto de medidas implementadas em 1994, cujo resultado foi o controle da hiperinflação e a expansão do sistema bancário – que se criou um ambiente mais propício ao início de um planejamento financeiro.

Especificamente em relação ao cenário feminino da década de 90, este era otimista e o crescimento da atividade econômica feminina estava a todo vapor na época, como denota a pesquisa intitulada “Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais numerosas, mais velhas e mais instruídas”, de autoria de Bruschini e Lombardi (1999).

As autoras ressaltam que um pouco antes, em 1976, o número de mulheres economicamente ativas era de 11,4 milhões, tendo passado para 31,3 milhões em 1998. Tal avanço não se deve apenas a fatores econômicos e conjunturais, mas também a transformações sociais e culturais, como por exemplo, a influência dos movimentos feministas, a mudança da identidade da mulher – que agora olhava para o trabalho produtivo – e o maior acesso à escolaridade e ao ensino superior.

No entanto, em especial no mercado financeiro e nos investimentos, esse avanço ainda não se mostrava substancial. Uma entrevista da presidente do conselho da Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais do Brasil (APIMEC), Lucy Sousa, ao portal UOL (Cunha, 2024), resgata a perspectiva da profissional sobre como era ser uma das únicas mulheres que trabalhavam com ações nos anos 80: “Achavam que eu era secretária de algum analista, e não a própria analista”.

## **2.1 O acesso de mulheres à educação financeira**

No tocante à educação financeira das mulheres, Ana Lúcia Ferri (2025), Educadora Financeira e Docente em Gestão e Negócios pela Unifesp, em entrevista à presente pesquisadora, explicou:

A exclusão histórica das mulheres do acesso à educação e à vida pública gerou um atraso significativo em termos de independência financeira. O dinheiro, há séculos, é símbolo e instrumento de poder e, por consequência, mantido sob domínio masculino. Isso fez com que muitas mulheres crescessem sem referências femininas de autonomia financeira, o que impacta até hoje sua autoconfiança em relação ao manejo de recursos e investimentos. Romper com essa herança exige não apenas acesso a informações, mas também a reconstrução de narrativas, onde as mulheres se reconheçam como plenamente capazes de gerir, investir e multiplicar seu patrimônio.

Como aborda o artigo “Explorando a educação financeira feminina: uma análise sistemática da literatura”, de autoria de Santos *et al.* (2023, p. 14589), no qual as autoras enfatizam que:

Apesar dos avanços, existem desafios persistentes que dificultam a participação plena das mulheres na educação financeira e nos negócios. Estereótipos de gênero, falta de representação e barreiras sistêmicas ainda limitam seu acesso a oportunidades financeiras e educacionais. É fundamental que as políticas públicas e as instituições financeiras desenvolvam programas e iniciativas específicas para promover a inclusão e o empoderamento financeiro das mulheres.

No Brasil, assim como em diversos outros países, tal situação é agravada ainda em razão da presença do machismo, definido como “o preconceito que exerce uma função social de dominação dos homens sobre as mulheres, inferiorizando-as com a finalidade de controlar comportamentos e subjugar sua existência, para que a apropriação do tempo, do corpo e do trabalho delas seja mais eficaz e lucrativa nessa sociedade” (CFSS, 2017, p. 7). Ou seja, nas entrelinhas da sociedade ainda reflete um padrão histórico de exclusão e de subordinação das mulheres em diversas esferas sociais, em especial nas áreas de poder econômico e financeiro.

Desde o período colonial até o século XX, as mulheres eram legal e culturalmente vistas como dependentes dos homens, isto é, com pouca ou nenhuma autonomia financeira. Tal como imposto pelo Código Civil de 1916, as mulheres casadas eram consideradas incapazes de tomar certas decisões sem o auxílio de seu marido, dentre uma dessas decisões estava a abertura de conta bancária. Até o ano de 1962 – isto é, há apenas 63 anos – as mulheres casadas precisavam da autorização do marido para abrir contas bancárias e também para realizar transações financeiras importantes.

“A educação, em geral, para as mulheres sempre foi escassa”, afirma a historiadora Carolina Porto em entrevista à presente pesquisadora, ao abordar o cenário brasileiro. Isso porque a educação era fadada às questões do lar e do cuidado com os filhos; já aquelas mulheres que iam para o mercado de trabalho eram, na maioria das vezes, para trabalhar em cargos muito semelhantes àqueles com o cuidado com o lar, como por exemplo, telefonistas, atendentes e costureiras. Carolina Porto ainda complementa: “com a educação as mulheres possuem acesso ao mercado de trabalho, questões financeiras e conseqüentemente a educação e liberdade financeira, o que não acontecia já que as mulheres possuíam uma restrição educacional.”

Segundo o pontuado no artigo intitulado “*Fearless woman: financial literacy and stock market participation*”, de autoria de Bucher-Koenen, Alessie, Lusardi e Van Rooij (2021), ao se

considerar a educação financeira como o conhecimento necessário para tomar decisões financeiras informadas, há uma ampla literatura que documenta, de forma consistente, níveis mais baixos de educação financeira entre mulheres do que entre homens. E essa diferença de gênero é observada tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento, e, também, até quando analisada entre mulheres jovens bem instruídas e inseridas no mercado de trabalho e até mesmo mulheres de faculdades de elite dos Estados Unidos.

Com as mudanças ocorridas nas décadas de 1970 e 1980, à medida que as mulheres começaram a se inserir de forma mais significativa no mercado de trabalho, também surgiram as primeiras discussões sobre sua autonomia econômica.

No entanto, a educação financeira feminina ainda era voltada à gestão do orçamento doméstico, enquanto temas como investimentos e estratégias de rentabilidade continuavam sendo dominados por um público majoritariamente masculino. Aspecto este pontuado Souza (2024) ao abordar os desafios financeiros das mulheres:

desde cedo, meninos e meninas são socializados de maneiras diferentes, o que pode gerar expectativas e abordagens distintas em relação ao dinheiro e ao planejamento financeiro. Além disso, as normas de gênero internalizadas ao longo do tempo podem influenciar como homens e mulheres se veem em termos de habilidades financeiras, disposição para assumir riscos e prioridades de gastos. Essas influências sociais moldam as decisões financeiras de maneiras complexas e muitas vezes sutis, refletindo não apenas em diferenças individuais, mas também em estruturas sociais mais amplas.

### 3 A QUESTÃO DE GÊNERO NO CONTEXTO ECONÔMICO

A desigualdade de gênero, entendida como a “desigualdade de poder entre homens e mulheres, que se manifesta em diversas áreas da vida social, como o trabalho, a política e a educação” (Mundo Educação, 2025), é histórica e, diferentemente do que pode se pensar, não é natural ou biológica, mas sim uma construção social.

Consoante Narvaz (2006, p. 25), em seu artigo sob título “A história das desigualdades de gênero”,

as desigualdades de gênero não são, portanto, algo natural ou dado, fruto da biologia, ou das diferenças entre os corpos feminino e masculino. São, isto sim, produto de diferentes formas históricas de organização entre os humanos que, aos poucos, foram sendo institucionalizadas na forma de papéis de gênero, que prescrevem como os sujeitos devem comportar-se em cada relação.

No período colonial, as mulheres brancas ficavam restritas aos cuidados da casa, enquanto as mulheres pretas e indígenas cumpriam o papel de escravizadas, como reforça o artigo “As condições femininas no Brasil colonial”, redigido por Baseggio e Silva (2015, p. 27):

a visão de a mulher servir como propriedade do homem, no Brasil, tem sua origem no Brasil colonial. A mulher deveria ter um papel de exclusão social, de geração de filhos e de submissão ao marido. Esta é a ideia que muitos historiadores antigos tinham sobre a mulher na sociedade colonial, onde o Brasil estava sob domínio português. Ou seja, a mulher não era digna de realizar grandes feitos.

Portanto, a educação feminina era algo praticamente exclusivo da alta sociedade, e ainda assim, muito resumida, já que as mulheres eram educadas para serem donas de casa e para manter a moral e os valores da família. Segundo sublinha Carolina Porto (2025), em entrevista concedida para esta pesquisa, na década de 60, deu-se o início da expansão das universidades, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, mas as mulheres ainda não se encontravam inserida nesse contexto, estavam fadadas à educação do lar. Por outro lado, ainda segundo Carolina Porto, a mulher, mesmo que em uma representatividade muito pequena, nunca esteve ausente das questões financeiras, já que, por ser a cuidadora do lar, era também a responsável pelas compras e pelo mercado, mesmo que sob controle do marido.

Muito tempo depois, a Constituição Federal de 1988 trouxe avanços no que se refere às relações de gênero, pois o texto legal se fundamenta no princípio da equidade. Maders e Angelin (2010, p. 106) afirmam:

As conquistas alcançadas pelas mulheres na Constituição Federal de 1988 foram resultado de uma grande mobilização nacional dos Movimentos Feministas e Movimentos de Mulheres que pressionaram a Assembleia Nacional Constituinte a incluir direitos destinados especificamente às mulheres no texto constitucional, o cenário foi tomando reviravoltas, as mulheres conquistaram o direito de voto no Brasil, o que viria a começar a mudar seu papel na sociedade e as incluir, mesmo que minimamente, nas decisões.

Logo, nas décadas seguintes, as mulheres começaram a conquistar uma maior visibilidade no mercado de trabalho, especialmente nas áreas de educação, saúde e serviços domésticos.

No entanto, mesmo com uma maior presença das mulheres no mercado de trabalho, a diferença salarial em relação aos homens, em mesmos cargos e funções, é historicamente desproporcional, mantendo-se até os dias de hoje, o que constitui um dos fatores importantes que justificam uma menor presença de mulheres nas estatísticas financeiras.

Segundo levantamento realizado pelo Ministério do Trabalho e divulgado no 1º Relatório Nacional de Transparência Salarial e de Critérios Remuneratórios (Martins, 2024), as mulheres ainda recebem, em média, 19,4% a menos que os homens. Essa diferença salarial é ainda mais acentuada quando se trata de cargos de direção e gerência, atingindo 25,2%. Além disso, mulheres em posições de liderança ganham, em média, R\$ 40 mil a menos por ano do que seus colegas homens. Rachel de Sá (2025), profissional entrevistada por esta pesquisadora, pontua este aspecto: “como existe uma realidade em que as mulheres ganham menos do que os homens inclusive fazendo a mesma coisa, também pode se dizer como um fato que influencia o apetite de risco das mulheres.”

Além dessa supracitada diferença salarial, também existe uma diferença nítida em como a educação financeira é tratada ao ser disseminada a homens e a mulheres. A visão da entrevistada Ana Lúcia Ferri (2015), como educadora financeira, é a seguinte:

Desde cedo, meninas são incentivadas a “guardar” dinheiro, enquanto meninos são ensinados a “multiplicar” ou “empreender”. Essa divisão simbólica reforça a ideia de que as mulheres devem ser cuidadosas e submissas em suas decisões financeiras, enquanto os homens podem arriscar e explorar o mercado com mais liberdade.

As escolas, as mídias e até mesmo os próprios produtos financeiros continuam reforçando esse viés, ainda que de forma sutil. Esse tipo de educação desigual contribui diretamente para que haja um comportamento mais conservador por parte das mulheres, pois suas experiências são moldadas por mensagens que reforçam aspectos como medo, insegurança e inaptidão diante de riscos.

### 3.1 A influência da figura masculina nas decisões financeiras femininas

É fato que a proporção de mulheres investidoras vem crescendo ultimamente. Segundo os dados do Raio-X do Investidor Brasileiro, uma pesquisa quantitativa realizada pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA) em 2023, 35% das entrevistadas declararam aplicar em algum produto financeiro, ao passo que, em 2021, esse número era de 21% (ANBIMA, 2023). Uma das grandes razões que justificam esse aumento significativo é a democratização do acesso a investimentos, pauta esta muito incentivada nas redes sociais, além disso, houve outros fatores como a desmistificação do dinheiro, o que ainda era tabu no meio feminino, e também o crescimento dos bancos digitais, algo muito impulsionado pela geração Z.

Já no Raio-X do Investidor Brasileiro realizado mais recentemente, em março de 2025, metade das mulheres entrevistadas que não haviam investido no último ano expressaram o desejo de iniciar seus investimentos (ANBIMA, 2025). Para elas, dentre os fatores incentivadores para esse início está a segurança, representante de 44% da razão pela qual as entrevistadas investem. Ao questão da segurança, principalmente no âmbito feminino, está muito correlacionada à independência financeira e à tranquilidade de poder ter liberdade sem precisar necessariamente depender da figura masculina responsável pelas finanças da casa.

Na pesquisa “Mulheres são mais avessas ao risco em investimentos”, Sá (2020) analisa regressões lineares múltiplas que usam como *proxy* (variável que representa uma variável que não se pode medir) de risco a volatilidade observada em carteiras reais de investimentos e que controlam a variável gênero por outras variáveis socioeconômicas, tais como idade, estado civil, domicílio e patrimônio declarado. Tem-se que há uma maior aversão das mulheres ao risco nos investimentos do que quando comparado aos homens – ou até mesmo com mulheres que possuem companheiros homens.

A base de clientes analisada no referido estudo – extraída de uma das maiores instituições financeiras do Brasil, considerando homens e mulheres de várias regiões do país – traz em prova que não apenas o gênero, mas também o estado civil da mulher constitui um item influenciável na escolha da volatilidade da carteira de investimentos.

Numericamente, as carteiras de investimentos de mulheres solteiras analisadas sofreram uma volatilidade, em média, de 2,2 p.p., enquanto a variável de mulheres casadas, analisadas no mesmo período de 12 meses, resultaram em uma volatilidade de 2,90 p.p. Logo, verifica-se que os

homens não apenas são mais abertos a riscos, mas também são grandes influências nos investimentos femininos.

Em entrevista dada a esta pesquisadora, as profissionais Maria Fernanda Coutinho e Karen Megumi, assessoras de Investimentos Alta Renda da XP Inc., declaram ser muito comum ter clientes mulheres que necessitam da aprovação do marido para seguir em frente com as aplicações financeiras. Maria Fernanda Coutinho (2025) complementa:

até as clientes que são mais interessadas e mais estudadas sobre investimentos dependem do marido para tomar a decisão final. O que eu sinto é que o homem tomou essa posição e papel na família. Não consigo me lembrar de uma cliente, principalmente mulheres com faixa etária acima dos 50 anos, que não dependem do marido para tomar a decisão. Acredito que isso acontece pelo homem exercer na família a imagem do “tesoureiro”, mesmo nos casos onde o patrimônio vem por parte das mulheres.

Já Karen Megumi (2025) relata ser mais comum do que parece enfrentar situações em que o marido é que é o responsável pela aprovação final das aplicações financeiras ou da maior parte das decisões sobre investimentos. Na percepção dela, “em média, as mulheres que buscam ter suas próprias escolhas são aquelas que se mostram mais independentes emocionalmente”.

### **3.2 Como o gênero muda a perspectiva das finanças**

Uma pesquisa realizada em 2019 pelo Money Crashes abordou a psicologia social da “superioridade ilusória” do gênero masculino para analisar a tendência de homens e mulheres em relação a investimentos. Essa análise levou em consideração 1.017 adultos residentes dos Estados Unidos, sendo 48% homens e 52% mulheres; os dados mostram como a confiança excessiva dos homens os levam a acreditar em resultados grandiosos mesmo sem embasamento, enquanto as mulheres, em contrapartida, são mais cautelosas, avessas aos riscos e levam os investimentos para além das finanças, como um comprometimento socialmente responsável (Money Crashes, 2021).

Segundo a referida pesquisa, as mulheres possuem uma visão a longo prazo, pensando em aspectos como família e aposentadoria, sendo estes grandes fatores por trás de sua escolha por investimentos mais conservadores, além, é claro, da falta de confiança em seus conhecimentos.

Em entrevista para Daniela Frabasile (2024), do portal Bora Investir da B3, Maria Helena Valio, fundadora da Women Invest, reforça a ideia desse comportamento:

O que acontece é que as mulheres tendem a ser mais equilibradas ao conciliar risco e retorno, o que pode resultar em um melhor desempenho. Elas avaliam melhor, querem entender o que é volatilidade, como funciona o investimento. Além disso, há uma humildade em reconhecer que, se algo é novo, é preciso aprender. E muitos homens acham que já sabem. Muitas vezes, nas palestras, as mulheres levantam a mão e perguntam: “Posso fazer uma pergunta boba?” Essa humildade leva a uma disposição maior para aprender, o que se traduz em melhores resultados.

Ainda na entrevista concedida, Rachel de Sá (2025) também intensifica essa linha de pensamento, acrescentando sua percepção acerca de como a sociedade atual tende a fazer com que as mulheres sintam, em muitos aspectos e circunstâncias, mais necessidade de se provar do que os homens. Ela declara: “Os homens não têm essa maior confiança por serem as pessoas mais autoconfiantes do mundo, é porque existe uma estrutura social que permite que eles se coloquem nessa posição”. E complementa:

A mulher, ela tende a passar por muito mais dificuldades para se provar e para provar que ela tem habilidades, e isso, claro, impacta os investimentos. Ela pensa que para investir é necessário ter um PHD em finanças, se não ela não pode comprar um CDB, fazer uma reserva de emergência e nem se quer começar.

Rachel de Sá (2025), ao partir para um exemplo prático dessa diferença cotidiana, traz o cenário das mães solo, que segundo pesquisa realizada pelo Ibre-FGV, havia no Brasil até o final de 2022 mais de 11 milhões de mães solo (FGV, 2023), uma estatística enorme que pode significar um dos impactos das mulheres nos investimentos, algo que se distancia muito do cenário masculino. Segundo a entrevistada Rachel de Sá (2025), se uma mulher está atualizada sobre as estatísticas de mães solo que existem na sociedade atualmente, isso já se torna um fator impeditivo ou agravador na hora de tomar uma decisão: “Se você tem uma probabilidade não desprezível de você ser uma mãe solo simplesmente porque você é mãe, automaticamente você se coloca na responsabilidade de ser mais conservadora por motivos que vão além dos seus desejos e necessidades próprias.

Além dessa confiança natural advinda dos homens, o cenário feminino é influenciado por diversos resquícios de variantes sociais que moldam suas escolhas e perspectivas, mesmo que à sua revelia. Ana Lúcia Ferri (2025), profissional entrevistada para esta pesquisa, acrescenta que “a imposição histórica da mulher como cuidadora, associada à obrigação de manter a harmonia e segurança do lar, moldou um perfil de responsabilidade exacerbada”.

Isso, muitas vezes, traduz-se em escolhas financeiras mais prudentes, haja vista que há um senso internalizado de que o erro financeiro traria consequências severas, não apenas a ela, mas

para todos ao seu redor. Contudo, esse comportamento não deve ser interpretado como fraqueza ou como falta de ambição, mas como um mecanismo de proteção desenvolvido em um ambiente que lhe é hostil e no qual a sociedade espera que você não falhe. Logo, investir com cautela pode ser, inclusive, uma estratégia de resistência diante da instabilidade estrutural vivida por muitas mulheres.

## 4 CONCLUSÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) partiu da hipótese de que a preferência das mulheres por investimentos em renda fixa – em detrimento da renda variável – não se configura uma escolha meramente individual, mas é reflexo de condições históricas, sociais e culturais que moldam o comportamento financeiro feminino. Ao longo desta pesquisa, foi abordado o modo como o machismo estrutural, bem como a desigualdade de gênero, a educação financeira deficitária e a persistente influência masculina contribuem para que as mulheres tenham esse perfil mais conservador de investidora.

O contexto de investimento de renda fixa reflete que, apesar de ser largamente percebido como seguro e previsível, possui seus riscos de rentabilidade. Entrevistas realizadas com especialistas, como por exemplo, a Rachel de Sá, Estrategista de Investimentos da XP Inc., reforçaram a ideia de que a renda fixa nem sempre é menos volátil e também que a preferência feminina por esse tipo de investimento reflete um menor apetite ao risco. Com a disponibilização de diferentes produtos de renda fixa, tais como CDB, Tesouro Direto, Debêntures, LCIs e LCAs, e suas modalidades de rentabilidade (prefixada, pós-fixada e indexada), tem-se que o investimento prefixado, por oferecer uma maior previsibilidade, é particularmente atraente à mulher que demonstra uma maior aversão ao risco.

Neste sentido, dados da B3 (2025b) e da Monte Bravo (*apud* Maia, 2025) confirmaram essa tendência, evidenciando que o Tesouro Selic é o ativo preferido dentre as mulheres investidoras no Tesouro Direto e que a maioria das carteiras femininas é composta por renda fixa. A análise das carteiras empreendida por de Sá (2020) reforçou a tese de que o aspecto gênero se encontra dentre as variáveis mais relevantes para a escolha dos investimentos, o que se prova pela volatilidade apresentada nas carteiras femininas. Tal aspecto solidificou a ideia de que a escolha por renda fixa – e não variável – não é apenas uma questão de perfil financeiro, mas também um comportamento influenciado por um contexto social que impõe desafios à mulher.

Acerca do contexto da educação financeira, foi enfatizada sua importância como um processo contínuo que visa aprimorar o bem-estar financeiro do indivíduo, seja este homem ou mulher. No Brasil, a educação financeira possui um histórico de desafios institucionais e de baixa conscientização; apesar dos avanços na democratização da informação, por meio das mídias sociais, a educação financeira feminina ainda enfrenta barreiras significativas. O acesso tardio das

mulheres a uma sólida educação financeira, bem como sua frequência quase que insignificante no mercado financeiro até os anos recentes, também constituem índices influentes para sua inclinação a investimentos com menos propensão ao risco.

Além disso, a construção histórica da sociedade restringiu à mulher suas liberdades, inclusive no acesso a bens e decisões econômicas, tal como imposto pelo Código Civil de 1916, que exigia autorização masculina para mulheres casadas abrirem contas bancárias, exigência esta extinta em 1962. A literatura também corrobora a existência de níveis mais baixos de educação financeira entre mulheres do que entre homens, mesmo em contextos mais desenvolvidos e instruídos. Ainda que tenha havido uma inserção feminina no mercado de trabalho a partir das décadas de 1970 e 1980, a educação financeira direcionada às mulheres era majoritariamente focada no orçamento doméstico, com investimentos financeiros ainda dominados por homens. Souza (2024) pontuou que a socialização de meninos e meninas de maneiras diferentes gera expectativas distintas em relação ao dinheiro e ao planejamento financeiro, o que invariavelmente acaba por moldar as decisões financeiras de forma complexa e sutil.

Quanto à questão de gênero sob o contexto econômico, entendendo a desigualdade de gênero como uma construção social e histórica de dominação patriarcal, no Brasil Colonial, a mulher era vista como propriedade e tinha seu papel restrito ao lar, com pouca autonomia e com uma educação limitada.

A despeito dos avanços, a diferença salarial, por exemplo, ainda se mantém desproporcional em relação ao homem, um fator que Rachel de Sá (2020) enfatizou como influência ao apetite ao risco da mulher. Corroborando isso, a entrevistada Ana Lúcia Ferri (2025) reforça como desde cedo a menina é incentivada a “guardar” dinheiro, ao passo que ao menino é ensinado a “multiplicar” ou “empreender”, o que reafirma a cautela feminina e contribui para um comportamento mais conservador em investimentos.

O crescimento do número de mulheres investidoras na bolsa de valores é um fato, como reforçou a B3 (2025c). Para as mulheres, a segurança é um dos principais fatores que incentivam o início dos investimentos, já que está correlacionada à independência financeira e à tranquilidade de não precisar depender de uma figura masculina para gerir as finanças da casa – algo que ainda é muito comum, principalmente em relação à mulher casada.

A pesquisa de Rachel de Sá (2020) demonstrou que a mulher casada, em comparação com a solteira, apresenta uma maior abertura a risco em sua carteira de investimentos, o que indica a

influência da presença masculina por trás das decisões financeiras femininas. Isso se dá principalmente por conta do cenário de necessidade de validação das aplicações junto aos maridos.

A pesquisa do Money Crashes (2021) revelou que, enquanto o homem tende a ter uma confiança excessiva, a mulher é mais cautelosa, avessa a riscos, já que considera o investimento para além das finanças, possuindo uma visão a longo prazo, pensando mais na família e na aposentadoria. Verificou-se que a mulher tende a ser mais equilibrada e humilde em reconhecer a necessidade de aprender, o que leva a melhores resultados. Isso porque a sociedade machista impõe à mulher a necessidade de se provar, gerando a crença de que é preciso possuir um conhecimento aprofundado para poder investir.

Mais do que isso, exemplos práticos, como por exemplo, o cenário enfrentado por mães solo, ilustram o modo como a mulher se coloca na responsabilidade de ser mais conservadora por motivos que vão muito além de seus desejos individuais. Ela é influenciada por um senso internalizado de que o erro financeiro cometido traria consequências severas não só para ela, mas para muitos ao seu redor.

Em síntese, a predominância da escolha de investimentos de renda fixa pelas mulheres é um fenômeno multifacetado, enraizado em um contexto histórico e social profundo. Pelo que as entrevistas e os dados provam, não se trata apenas de uma inclinação natural, mas de uma consequência de padrões e de inseguranças impostas às mulheres ao longo da vida.

A falta de estímulo à própria independência financeira, bem como a baixa representatividade feminina no setor e o receio de errar configuram fatores que convergem para um perfil mais conservador de investidora e avessa ao risco.

Neste sentido, compreender essa realidade é crucial não apenas para apontar as barreiras e superá-las, mas também para evidenciar como – mesmo hoje em dia – as decisões das mulheres ainda são permeadas por questões sociais profundas e estruturais e como o empoderamento financeiro feminino permite que a mulher, de fato, possa investir com liberdade e autonomia.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS – AMBIMA. *Raio X do Investidor Brasileiro*. 6. ed. 2023. Disponível em: [www.anbima.com.br/data/files/20/45/EE/F7/314F69106AF42F69B82BA2A8/Relatorio-Raio-X-do-Investidor-6.pdf](http://www.anbima.com.br/data/files/20/45/EE/F7/314F69106AF42F69B82BA2A8/Relatorio-Raio-X-do-Investidor-6.pdf). Acesso em: 31 maio 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS – AMBIMA. *Raio X do Investidor*: mulheres planejam investir mais em 2025. 17 mar. 2025. Disponível em: [https://www.anbima.com.br/pt\\_br/noticias/raio-x-mulheres-planejam-investir-mais-em-2025.htm](https://www.anbima.com.br/pt_br/noticias/raio-x-mulheres-planejam-investir-mais-em-2025.htm). Acesso em: 31 maio 2025.

ARAUJO, F. C.; CALIF, F. E. *A história não contada da Educação Financeira no Brasil*. [S.l.], 2014. Disponível em: [www.boavistaservicos.com.br/wp-content/uploads/2014/08/A-hist%C3%B3ria-n%C3%A3o-contada-da-educa%C3%A7%C3%A3o-financeira-no-Brasil.pdf](http://www.boavistaservicos.com.br/wp-content/uploads/2014/08/A-hist%C3%B3ria-n%C3%A3o-contada-da-educa%C3%A7%C3%A3o-financeira-no-Brasil.pdf). Acesso em: 31 maio 2025.

BASEGGIO, J.; SILVA, L. F. M. *As condições femininas no Brasil Colonial*. *Revista Maiêutica*, Indaial, v. 3, n. 1, p. 19-30, 2015. Disponível em: [publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/HID\\_EaD/article/download/1379/528](http://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/HID_EaD/article/download/1379/528). Acesso em: 1 jun. 2025.

B3. Renda Fixa: o que é, significado e definição. *Glossário*. 2025a. Disponível em: <https://borainvestir.b3.com.br/glossario/renda-fixa>. Acesso em: 27 maio 2025.

B3. Mulheres e investimentos: Tesouro Selic é o ativo preferido do TD entre investidoras. *Bora Investir*. 10 mar. 2025b. Disponível em: <https://borainvestir.b3.com.br/tipos-de-investimentos/renda-fixa/tesouro-direto/mulheres-e-investimentos-tesouro-selic-e-o-ativo-preferido-do-td-entre-investidoras>. Acesso em: 27 maio 2025.

B3. Número de mulheres investidoras na B3 cresce 7% e bate recorde histórico. *Bora Investir*. 6 mar. 2025c. Disponível em: [https://borainvestir.b3.com.br/noticias/numero-de-mulheres-investidoras-na-b3-cresce-7-e-bate-recorde-historico/#:~:text=N%C3%BAmero%20de%20mulheres%20investidoras%20na%20B3%20cresce%207%25%20e%20bate%20recorde%20hist%C3%B3rico,-Apesar%20do%20crescimento&text=A%20quantidade%20de%20mulheres%20que,R\\$%202%20milh%C3%B5es%20por%20pessoa](https://borainvestir.b3.com.br/noticias/numero-de-mulheres-investidoras-na-b3-cresce-7-e-bate-recorde-historico/#:~:text=N%C3%BAmero%20de%20mulheres%20investidoras%20na%20B3%20cresce%207%25%20e%20bate%20recorde%20hist%C3%B3rico,-Apesar%20do%20crescimento&text=A%20quantidade%20de%20mulheres%20que,R$%202%20milh%C3%B5es%20por%20pessoa). Acesso em: 27 maio 2025.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais numerosas, mais velhas e mais instruídas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 107, p. 25-61, jul. 1999.

BUCHER-KOENEN, T.; ALESSIE, R.; LUSARDI, A.; VAN ROOIJ, M. *Fearless woman*: financial literacy and stock market participation. Washington: Global Financial Literacy Excellence Center, 2021. Disponível em: <https://gflec.org/wp-content/uploads/2021/03/Fearless-Woman-Research-Final.pdf?x27564>. Acesso em: 31 maio 2025.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL – CFESS. Machismo. *Caderno do CFESS*, n. 6. Brasília: CFESS, 2017. (Série “Assistente social no combate ao preconceito”). Disponível em: <https://cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno06-Machismo-Site.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2025.

COUTINHO, M. F. [Entrevista cedida a] Laura Melo de Carvalho. São Paulo, 2025.

CUNHA, L. Número cresce, mas mulheres ainda são minoria no mercado financeiro. *UOL*. 07 mar. 2024. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/mais/ultimas-noticias/2024/03/07/numero-cresce-mas-mulheres-ainda-sao-minoria-no-mercado-financeiro.htm>. Acesso em: 1 jun. 2025.

FERRI, A. L. [Entrevista cedida a] Laura Melo de Carvalho. São Paulo, 2025.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV. *Mães solo no mercado de trabalho crescem 1,7 milhão em dez anos*. 18 maio 2023. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/maes-solo-mercado-trabalho-crescem-17-milhao-dez-anos#:~:text=Mapa%201%20%E2%80%93%20Propor%C3%A7%C3%A3o%20de%20domic%C3%ADlios,do%20observado%20para%20m%C3%A3es%20negras>. Acesso em: 1 jun. 2025.

FRABASILE, D. “A mulher é mais disciplinada e pensa mais na preservação do patrimônio”, diz fundadora do Women Invest. *Bora Investir*. 26 set. 2024. Disponível em: <https://borainvestir.b3.com.br/entrevistas/a-mulher-e-mais-disciplinada-e-quer-entender-no-que-esta-investindo-diz-fundadora-do-women-invest>. Acesso em: 1 jun. 2025.

GARCIA, G. Desigualdade: 63% da riqueza do Brasil está nas mãos de 1% da população, diz relatório da Oxfam. *CNN Brasil*. 14 jan. 2024. Disponível em: [www.cnnbrasil.com.br/internacional/desigualdade-63-da-riqueza-do-brasil-esta-nas-maos-de-1-da-populacao-diz-relatorio-da-oxfam](http://www.cnnbrasil.com.br/internacional/desigualdade-63-da-riqueza-do-brasil-esta-nas-maos-de-1-da-populacao-diz-relatorio-da-oxfam). Acesso em: 1 jun. 2025.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. The economic importance of financial literacy: theory and evidence. *Journal of Economic Literature*, v. 52, n. 1, p. 5–44, mar. 2014. Disponível em: [www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jel.52.1.5](http://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jel.52.1.5). Acesso em: 1 jun. 2025.

MADERS, A. M.; ANGELIN, R. A construção da equidade nas relações de gênero e o movimento feminista no Brasil: avanços e desafios. *Revista Cadernos de Direito*, Piracicaba, v. 10, n. 19, p. 91-115, jul./dez. 2010. Disponível em: [www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/direito/article/viewArticle/232](http://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/direito/article/viewArticle/232). Acesso em: 1 jun. 2025.

MAIA, L. Quais os investimentos favoritos das mulheres? Veja onde elas alocam. *Valor Investe*. Globo, 8 mar. 2025. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/objetivo/hora-de-investir/noticia/2025/03/08/quais-os-investimentos-favoritos-das-mulheres-veja-onde-elas-alocam.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2025.

MARTINS, A. Mulheres recebem 19,4% a menos que os homens, aponta Relatório de Transparência Salarial. *Exame*. 25 mar. 2024. Disponível em:

<https://exame.com/economia/mulheres-recebem-194-a-menos-que-os-homens-aponta-relatorio-de-transparencia-salarial>. Acesso em: 1 jun. 2025.

MEGUMI, K. [Entrevista cedida a] Laura Melo de Carvalho. São Paulo, 2025.

MONEY CRASHES. Men vs. Women – How the Sexes Differ in Their Psychology of Investing (Survey). 2021. Disponível em: <https://www.moneycrashers.com/men-vs-women-psychology-investing>. Acesso em: 13 jun. 2025.

MUNDO EDUCAÇÃO. *Desigualdade de gênero: o que é, dados no Brasil*. 2025. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/desigualdade-de-genero.htm>. Acesso em: 1 jun. 2025.

NARVAZ, M. G. A história das desigualdades de gênero. In: NEGRÃO, T. (org.). *Violência contra a mulher: as políticas públicas de âmbito municipal*. Cachoeirinha: Prefeitura Municipal de Cachoeirinha: Coordenadoria Municipal da Mulher, 2006. p. 23-28.

ORTIZ, I. Renda Fixa: entenda as diferenças entre esses tipos de investimento. *E-Investidor*, 25 out. 2024. Disponível em: <https://investidor.estadao.com.br/ultimas/renda-fixa-tudo-o-que-voce-precisa-saber-para-investir-com-seguranca>. Acesso em: 31 maio 2025.

PORTO, C. de. [Entrevista cedida a] Laura Melo de Carvalho. São Paulo, 2025.

SÁ, R. de. *Mulheres são mais avessas ao risco em investimentos? Uma análise da relevância do gênero na tomada de riscos financeiros no Brasil*. 2020. 40 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Economia, Políticas Públicas e Desenvolvimento) – Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, São Paulo, 2020. Disponível em: [https://repositorio.idp.edu.br/bitstream/123456789/2774/1/Disserta%20a7%20a3o%20\\_RACHEL%20BORGES%20PEREIRA%20CYRINO%20DE%20S%20c3%81%20\\_MESTRADO%20EM%20ECONOMIA\\_2020.pdf](https://repositorio.idp.edu.br/bitstream/123456789/2774/1/Disserta%20a7%20a3o%20_RACHEL%20BORGES%20PEREIRA%20CYRINO%20DE%20S%20c3%81%20_MESTRADO%20EM%20ECONOMIA_2020.pdf). Acesso em: 31 maio 2025.

SÁ, R. de. [Entrevista cedida a] Laura Melo de Carvalho. São Paulo, 2025.

SANTOS, T. L. dos; ANTÔNIO, R. V.; FARIAS, A. C. B.; DE LIMA, C. R.; MARTINS, L. D. B.; HUMMEL, S. S. Mulheres e a educação financeira: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Contemporânea*, Caruaru, v. 3, n. 9, p. 14587-14609, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1666>. Acesso em: 13 jun. 2025.

SILVA, M. A. da; ZDANOWICZ, J. S. Educação financeira: uma análise das definições e percepções dos estudantes. *Revista Eletrônica de Educação Matemática*, Florianópolis, v. 17, p. 1–22, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/86950/51462>. Acesso em: 31 maio 2025.

SILVA, M. de S. Machismo estrutural: uma leitura sobre a permanência do patriarcado nas relações sociais brasileiras. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 38-50, 2018. Disponível em: [www.scielo.br/j/ref](http://www.scielo.br/j/ref). Acesso em: 27 maio 2025.

SOUZA, R. Banco Desafios financeiros das mulheres: explorando as interações entre trabalho e família. *Banco Central do Brasil*. 4 mar. 2024. Disponível em: [www.gov.br/investidor/pt-br/desafios-financeiros-das-mulheres-explorando-as-interacoes-entre-trabalho-e-familia-3](http://www.gov.br/investidor/pt-br/desafios-financeiros-das-mulheres-explorando-as-interacoes-entre-trabalho-e-familia-3). Acesso em: 1 jun. 2025.

XP INVESTIMENTOS. *Renda fixa*: o que é e como investir. São Paulo. 2025a. Disponível em: [www.xpi.com.br/produtos/renda-fixa](http://www.xpi.com.br/produtos/renda-fixa). Acesso em: 9 jun. 2025

XP INVESTIMENTOS. *Renda variável*: o que é e como investir. São Paulo. 2025b. Disponível em: <https://conteudos.xpi.com.br/aprenda-a-investir/relatorios/renda-variavel>. Acesso em: 9 jun. 2025.